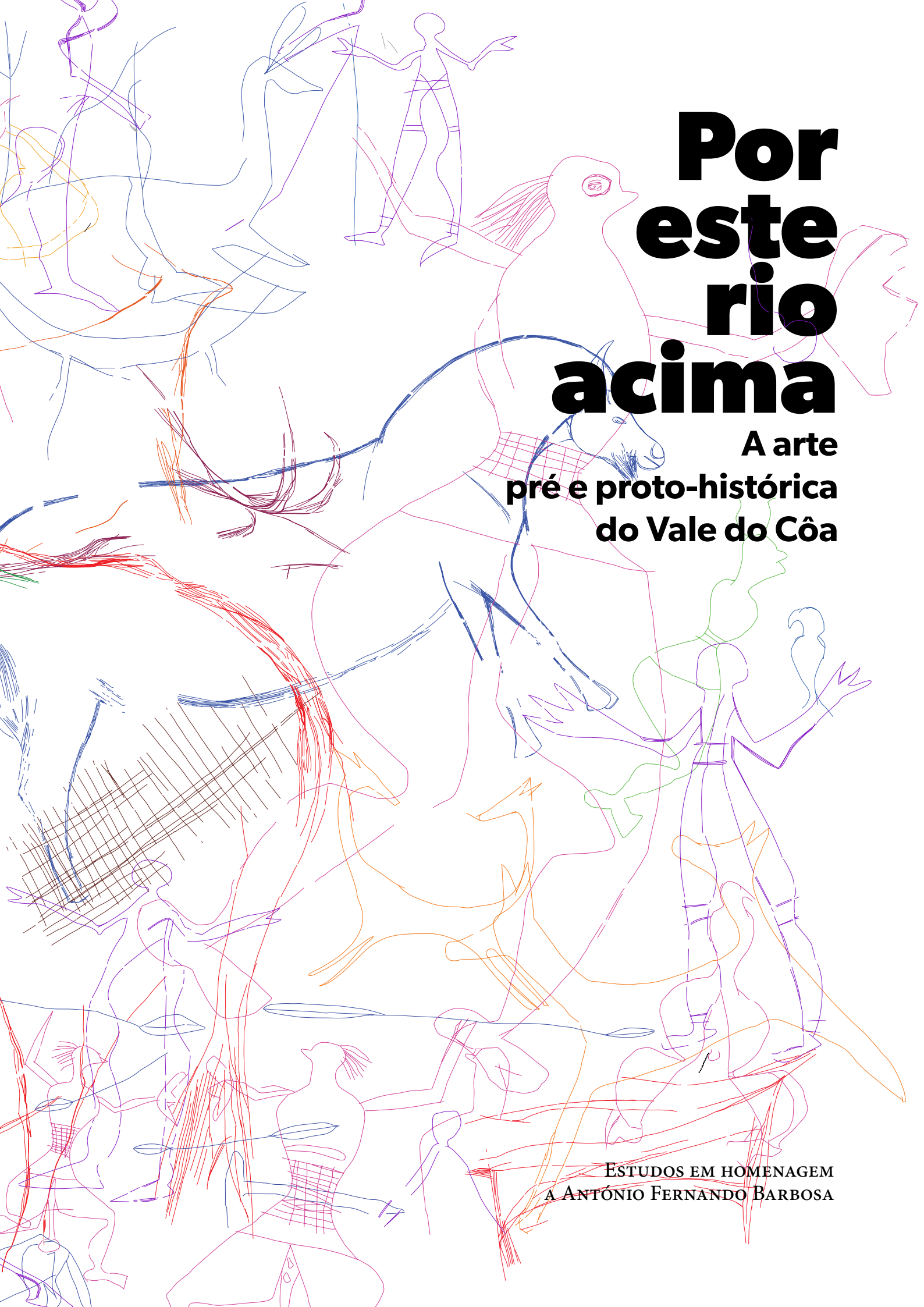


The background of the cover is a complex, abstract composition of thin, overlapping lines in various colors (blue, purple, red, orange, green). These lines form stylized, sketchy representations of prehistoric art, including human figures in various poses (some standing, some sitting, some with arms raised), animals (possibly horses or deer), and other shapes that suggest a scene of daily life or ritual. The lines are drawn in a loose, expressive manner, reminiscent of cave paintings or early human art.

Por este rio acima

**A arte
pré e proto-histórica
do Vale do Côa**

**ESTUDOS EM HOMENAGEM
A ANTÓNIO FERNANDO BARBOSA**

Por este rio acima

**A arte
pré e proto-histórica
do Vale do Côa**

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A ANTÓNIO FERNANDO BARBOSA

Índice

Introdução 7

Aida Carvalho

Um artista do Côa 9

João Zilhão

Ver nem sempre é olhar. Relatos recentes de Pré-Histórias antigas pelo Rio Côa 13

Thierry Aubry, Patrícia Ramos

A arte paleolítica do Vale do Côa no seu contexto sociocultural 55

André Tomás Santos

Entre o Côa e o Douro, nos longos milénios do pós-glaciar: quadro de referência da arte rupestre da Pré-história Recente da região do Côa 117

Mário Reis, Lara Bacelar Alves

Primeiro inventário figurativo da arte rupestre da Idade do Ferro entre o Côa e o Douro 181

Luís Luís

Aos ombros do último artista do Côa: Um olhar prospectivo sobre a investigação arqueológica nos vales do Côa, Águeda e Ribeira de Aguiar 267

Miguel Almeida, Sílvia Aires, Nuno Ramos, André Ferreira, André Santos, Thierry Aubry, Luís Luís, Marcelo Silvestre

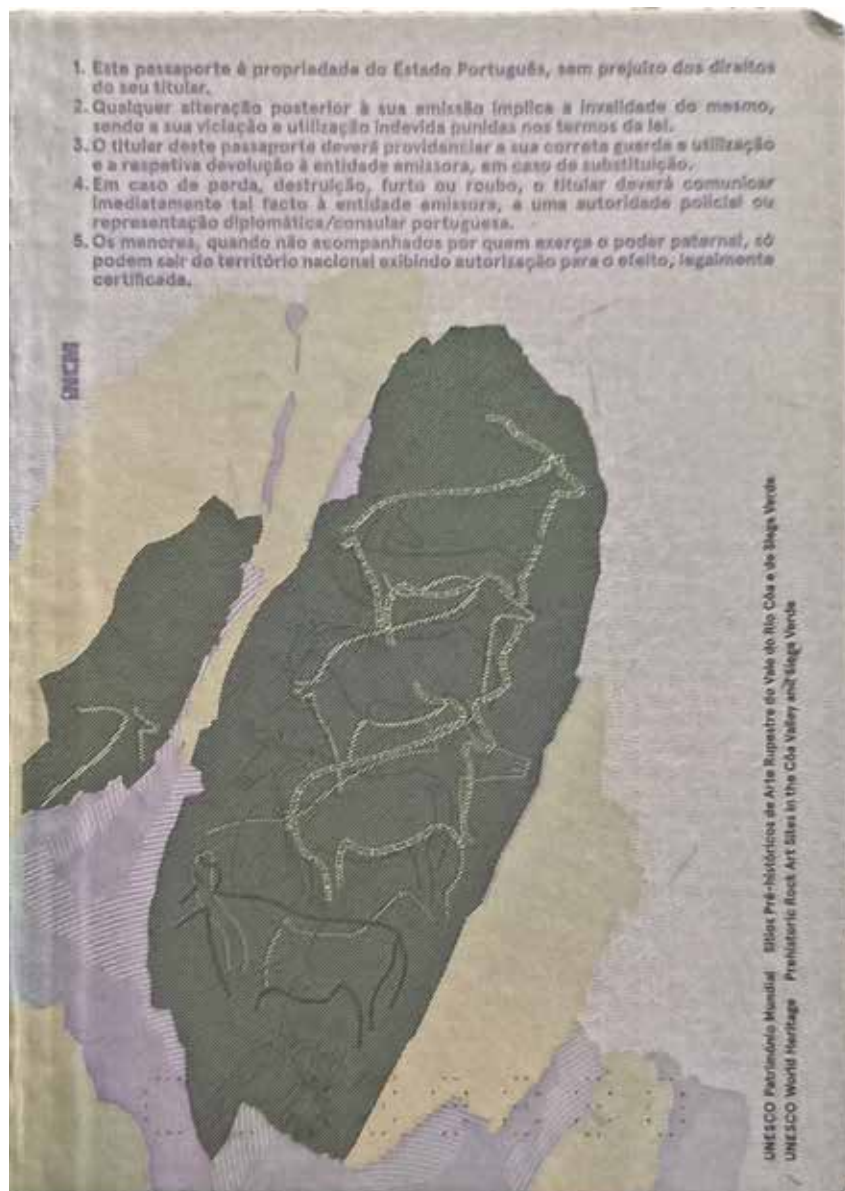


Fotografia de Teresa Fonseca

Um artista do Côa

João Zilhão^a

a) UNIARQ, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. ICREA. Departamento de História e Arqueologia da Universidade de Barcelona



Detalhe do atual passaporte português.

A luta pela preservação da arte rupestre do vale do Côa teve várias frentes. Em finais de 1994, quando veio a público que essa arte tinha uma componente importante de idade paleolítica, havia já uma história de oposição à barragem cuja construção se havia iniciado três anos antes. Por detrás dessa oposição estavam legítimos interesses económicos e legítimas visões tanto sobre o desenvolvimento económico da região como sobre o papel que as barragens da bacia do Douro haviam de desempenhar no sistema nacional de produção de energia. A arte paleolítica veio acrescentar uma dimensão social, cultural e patrimonial ao problema numa altura em que, com a obra já avançada, o dilema que se colocava aos decisores políticos era dos mais difíceis. Não sem razão, o semanário Expresso haveria de considerar a controvérsia “barragem versus gravuras” como o acontecimento político do ano de 1995.

Nessa controvérsia, a sorte — naufrágio ou salvamento — do património em causa jogava-se em boa parte na resposta a duas questões para que os profissionais da área foram chamados a pronunciar-se. Em última análise, nos termos da Resolução do Conselho de Ministros nº 4/96, de 17 de Janeiro, do seu parecer dependeu a decisão política final. Essas questões eram: Trata-se realmente de “arte” ... ou simplesmente de rabiscos que qualquer um, até uma criança, seria capaz de fazer, teoria que encontrou cultores não só ao mais alto nível técnico (entre engenheiros da obra e alguns empreendedores da região) mas também ao mais alto nível governamental? E trata-se realmente de actividade humana de época paleolítica e, como tal, pela dimensão e extensão do conjunto, única a nível mundial e digna de classificação como Património da Humanidade ao nível da UNESCO ... ou tão-somente de passatempo popular de época muito recente e interesse patrimonial menor, como viriam a pontificar autointitulados especialistas internacionais?

O desfecho final deveu-se a que a opinião pública, tanto a popular como a científica, pôde ser convencida, e isso aconteceu porque à arte do Côa foi dada a oportunidade de se defender a si mesma, para o que teve de ultrapassar um obstáculo de muita monta: as dificuldades de visualização e de interpretação decorrentes das inúmeras sobreposições e da pátina adquirida pelas imagens ao longo dos milénios. À época, a fotografia digital e o tratamento informático das imagens estavam na infância do seu desenvolvimento, pelo que não podiam dar a ajuda que hoje dão. Foi por isso através do recurso a uma metodologia ancestral, inventada no Paleolítico — o desenho — e com recurso a duas ferramentas afinadas por milhões de anos de evolução — a mão e o olho humanos — que a arte do Côa pôde comunicar com o mundo. Que ninguém duvide que muito da forma eficaz como o conseguiu fazer se ficou a dever ao demiurgo que teve a sorte de encontrar. Do impacto do seu trabalho fala melhor que ninguém a imagem que, hoje, 25 anos depois do salvamento, o cidadão português encontra no seu passaporte, a imagem com que o nosso país se apresenta ao mundo — a da figura anexa. O original é do Fernando Barbosa — um artista do Côa.

Ficha Técnica

TÍTULO

Por este rio acima: A arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em homenagem a António Fernando Barbosa;

COORDENAÇÃO

Dalila Correia
André Santos

AUTORES

Thierry Aubry, André Tomás Santos, Patrícia Ramos, Mário Reis, Lara Bacelar Alves, Luís Luís, Miguel Almeida, Sílvia Aires, Nuno Ramos, André Ferreira, Marcelo Silvestre, Aida Carvalho, João Zilhão.

LOCAL DE EDIÇÃO

Vila Nova de Foz Côa

EDITOR

Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Ricardo Castro/O Homem do Saco

IMPRESSÃO

Diário do Porto

ISBN 978-972-98121-9-4

